

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANDRESA BARBOSA DE ANDRADE SILVA

**O AMIGO IMAGINÁRIO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE: entre a realidade e a
Fantasia**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

ANDRESA BARBOSA DE ANDRADE SILVA

O AMIGO IMAGINÁRIO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE: entre a realidade e a Fantasia

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Raul Max Lucas Da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

ANDRESA BARBOSA DE ANDRADE SILVA

O AMIGO IMAGINÁRIO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE: entre a realidade e a Fantasia

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: (DR. RAUL MAX LUCAS DA COSTA)

Membro: (ME. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR / UNILEÃO)

Membro: (ME. INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA / UNILEÃO)

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

O AMIGO IMAGINÁRIO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE: entre a realidade e a Fantasia

Andresa Barbosa de Andrade Silva¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

A partir da psicanálise, vemos que a relação entre fantasia e a realidade tem se mostrado crucial para compreender a complexidade dos mecanismos psíquicos na infância, especialmente quando relacionados ao fenômeno do amigo imaginário. Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo geral entender a concepção de amigo imaginário na perspectiva da psicanálise, e como objetivos específicos: conceitualizar o amigo imaginário no viés da psicanálise; elucidar a fantasia no período da infância e articular os pressupostos teóricos-metodológicos da psicanálise para refletir a concepção de amigo imaginário atravessados pela realidade e a fantasia. Referente à metodologia, esta se caracteriza enquanto qualitativa, que utilizou a pesquisa bibliográfica como método para o levantamento das literaturas científicas. Foram usadas as bases de dados Scielo, Google Scholar, PubMed (NCBI) e Index Psi, as palavras-chave: realidade e Fantasia; Amigo imaginário; Psicanálise; e artigos publicados nos últimos 5 anos nos idiomas português e inglês. A discussão sobre a constituição do sujeito revela a importância da inserção precoce na linguagem e nos laços sociais. O estágio do espelho e a introdução da criança no campo simbólico pelo Outro são marcos fundamentais no desenvolvimento psíquico. Nesta perspectiva, a análise da fantasia evidencia a relação entre o imaginário e a satisfação de coisas irrealizáveis, destacando a importância desses mecanismos na psique infantil. A interconexão entre a fantasia e o fenômeno do amigo imaginário ressalta a criatividade e o desenvolvimento emocional das crianças. Logo, a compreensão da fantasia e do amigo imaginário, revela a importância da expressão criativa para um desenvolvimento saudável. Esses elementos são essenciais na compreensão do mundo emocional das crianças e destacam-se como fundamentais para seu crescimento psicológico e social.

Palavras-chave: Psicanálise. Amigo Imaginário. Fantasia. Realidade. Infância.

ABSTRACT

From psychoanalysis, we see that the relationship between fantasy, reality, and desire has proven crucial in understanding the complexity of psychic mechanisms in childhood, especially when related to the phenomenon of the imaginary friend. Thus, the present work aims to generally understand the conception of the imaginary friend from the perspective of psychoanalysis and has specific objectives: to conceptualize the imaginary friend within the framework of psychoanalysis; to elucidate fantasy in the period of childhood and to articulate the theoretical-methodological assumptions of

¹ Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: andresadagg@gmail.com

² Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br

psychoanalysis to reflect the conception of the imaginary friend intersected by reality and fantasy. Regarding the methodology, it is characterized as qualitative, employing bibliographic research as the method for gathering scientific literature. The databases used were Scielo, Google Scholar, PubMed (NCBI), and Index Psi, with the keywords: reality and Fantasy; Imaginary friend; Psychoanalysis; and articles published in the last 5 years in Portuguese and English. The discussion about the constitution of the subject reveals the importance of early insertion into language and social bonds. The mirror stage and the child's introduction into the symbolic field by the Other are fundamental milestones in psychic development. From this perspective, the analysis of fantasy and desire highlights the relationship between the imaginary and the satisfaction of unrealizable desires, emphasizing the importance of these mechanisms in the child's psyche. The link between fantasy and the concept of an imaginary friend highlights children's creativity and emotional growth. Hence, comprehending fantasy and the imaginary friend emphasizes the significance of creative expression for a robust development. These components are crucial in grasping the emotional realm of children and are pivotal for their psychological and social advancement.

Keywords: Psychoanalysis. Imaginary Friend. Fantasy. Reality. Childhood.

1 INTRODUÇÃO

Se compreende que o desenvolvimento no período da infância perpassa diversos contextos que influenciam a constituição de sua subjetividade. Nesse percurso, a criança, na relação com outro, acaba sendo inserida no campo social e, conseqüentemente, no âmbito da linguagem. Nessa perspectiva, Elia (2012), o conceito de sujeito em psicanálise, evidencia uma espécie de constituição do mesmo, onde acontece um processo natural dentro dos laços sociais. Este trás que para a psicanálise a constituição do sujeito se dá, especialmente, pelo campo da linguagem, e esse momento acontece quando o sujeito é inserido na cultura, por meio da família em que, de antemão, já o introduz no campo da linguagem antes mesmo de nascer, como é visto, quando se escolhe o nome da criança, por exemplo. É dessa forma que o sujeito vai se constituindo na medida em que vai passando a fazer parte de uma sociedade.

Considerando esse processo de desenvolvimento infantil, vemos que na vivência da criança a realidade objetiva e o imaginário possuem um lugar primordial, sobretudo, no exercício do brincar. É através da brincadeira, do faz de conta, do imaginar, que o sujeito projeta e expressa suas angústias, anseios, medos, agressividade, bem como amor. Nesse ponto, podemos nos interrogar: de que forma a psicanálise pode contribuir para a compreensão do amigo imaginário na perspectiva da realidade e da fantasia?.

Dessa forma, cabe salientar que a justificativa da pesquisa é devido a temática do amigo imaginário sendo atravessado pela psicanálise ser um tema que se tem poucas literaturas a respeito do mesmo, no entanto, essa linha de pesquisa é vista cotidianamente no desenvolvimento das crianças, tendo em vista também uma certa preocupação advinda dos pais. Nesse sentido, esse estudo visa contribuir para além da academia e do social com bibliografias que possam cooperar para os estudiosos da área, articulando conhecimentos do âmbito da teoria e prática, assim como, para o profissional, com o conhecimento sobre o assunto em que facilitará para o exercício da profissão.

A priori, como suporte de carência na infância, as crianças podem desenvolver um apego a entidades que lhe forneçam companhia, em alguns casos, como trabalharemos aqui, o Amigo Imaginário, cujo, trata-se de uma manifestação fantasiosa comum, relatada na infância e que pode envolver personagens humanos, sejam pessoas e animais, ou ainda, criaturas criadas através do inconsciente afirma (Marion *et al.*, 2018).

Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo geral entender a concepção de amigo imaginário na perspectiva da psicanálise, assim como os seus objetivos específicos conceitualizar o amigo imaginário no viés da psicanálise, elucidar a fantasia no período da infância e articular os pressupostos teóricos-metodológicos da psicanálise para refletir a concepção de amigo imaginário atravessados pela realidade e a fantasia.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza enquanto qualitativo, que utilizou a pesquisa bibliográfica como método para o levantamento das literaturas científicas usadas na fundamentação desta. Conforme Marconi e Lakatos (2017), o aspecto qualitativo é uma pesquisa que se dispõe de análise e interpretação das citações de forma mais prepotente, de maneira que possibilite elucidar as mais diversas formas do comportamento humano. Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa se configura como exploratória, pois segundo Gil (2002) visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.

A pesquisa bibliográfica está alicerçada por meio de uma análise de livros e artigos indexados nas bases de dados Scielo, Google Scholar, PubMed (NCBI) e

Index Psi, no qual recorre-se a leitura de produções dos autores Winnicott (1975); Singer e Singer, (1990); Taylor, (1999), Freud e Lacan, dentre outros. Dessa forma, para o levantamento das produções científicas foram usados os seguintes critérios de inclusão: palavras-chave: realidade; fantasia; amigo imaginário; psicanálise; livros de autores referências na psicanálise; artigos publicados nos últimos 5 anos; idioma português e inglês. Ademais, cabe aos critérios de exclusão os trabalhos que não estejam desenvolvidas integralmente nas bases de dados mencionados anteriormente e que não tenham relação com o tema de pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A FORMAÇÃO DO EU E A FUNÇÃO DO OUTRO

Inicialmente, para falarmos sobre a formação do Eu é importante adentrarmos na constituição do sujeito que segundo Elia (2012), afirma que a maneira na qual a psicanálise entende de sujeito, se evidencia em uma espécie de constituição do mesmo, onde acontece um processo natural dentro dos laços sociais. Dessa forma, o sujeito da psicanálise foi um tema que causou diversas discussões e também pesquisas sobre a temática principalmente devido a tentativa de compreender a diferença ou a semelhança que poderia ter entre o sujeito da ciência e o sujeito da psicanálise, que seria o sujeito do inconsciente, as discussões também foram em volta a respeito disso ser considerado um conceito. Por sua vez, o autor enfatiza que para a teoria psicanalítica a constituição do sujeito se dá, em particular, pelo campo da linguagem, e é nessa perspectiva que o sujeito vai se inserindo na cultura, através da família em que, a princípio, já o introduz no campo da linguagem antes mesmo do seu nascimento, isso é ainda mais evidente quando se escolhe o nome da criança, por exemplo.

Dessa forma, temos o estágio do espelho que faz parte do desenvolvimento do sujeito e, excedendo a isso, esse momento proporciona ao mesmo uma relação essencial no que diz respeito ao estabelecimento do sujeito e a sua imagem. É por meio desse estágio que a criança, ou melhor, o bebê tem uma visualização da imagem total do seu corpo, nesse sentido, a constituição do eu, do sujeito é através essencialmente da relação imaginária. Sendo assim, o ser humano logo nos primeiros meses de vida, após o nascimento se encontra em processo de maturação, no qual tem as suas funções motoras e neurológicas ainda em processo de desenvolvimento

(Ferreira, 2022). Complementa Lacan (1953/2005, p. 18-19) “o Imaginário designa a relação com a imagem do semelhante e com o ‘corpo próprio”, isto é, é por meio das representações das imagens e ilusões por influência do Simbólico que formulamos o Imaginário. É a partir da constituição desse Imaginário, que desenvolvemos nossa identidade, a representação que temos de si mesmos e igualmente dos outros.

Para uma melhor compreensão sobre o estágio do espelho:

O bebê humano nasce em um estado de prematuração que é próprio de nossa espécie, e suas funções neurológicas e motoras ainda se encontram inacabadas no momento do nascimento. Ao longo dos primeiros anos de vida, ele passa por um processo de maturação fisiológica, que vai permitir que, em determinado momento de sua história, ele integre efetivamente suas funções motoras e aceda a um domínio real do seu próprio corpo. Entretanto, antes desse momento, por volta dos seis meses de vida, o bebê, que até então vivenciava seu próprio corpo como objetos fragmentados, despedaçados, reconhece pela primeira vez no espelho sua imagem total, e toma consciência do seu corpo como uma unidade. Eis a vivência do estágio do espelho: a vista de sua forma total dá ao pequeno sujeito um domínio imaginário do corpo, antecipado em relação ao domínio real, permitindo que o eu se constitua e assuma suas funções (Ferreira, 2022, p. 23-24).

Em relação a citação acima, podemos ressaltar que a percepção da totalidade do corpo do bebê, é um momento em que o mesmo tem um sentimento de encantamento e o corpo de forma despedaçada encontra a sua própria imagem, no entanto, só consegue perceber o lado de fora, que seria o reflexo do espelho. Nesse sentido, esse momento de reconhecer, de se perceber pela primeira vez, se apresenta enquanto uma unidade alienada, algo que não é concreto no sentido de ser virtual, uma vez que o sujeito se percebe através do reflexo, partindo de um ponto de que não é ele mesmo atingindo uma dimensão estrutural e fundamental (Quinet, 2012; Ferreira, 2022).

Nesse intento, partindo do desenvolvimento do sujeito, especialmente, na fase infantil, daremos também um destaque para o Complexo de Édipo em Lacan de forma breve direcionando para os três tempos. Por meio desse viés, tem-se o primeiro momento que se refere a uma dependência do sujeito (a criança) com a mãe, no qual a função materna se apresenta enquanto um lugar que atende as necessidades da criança (essa situação se encontra como prematura no que diz respeito ao âmbito imaginário e simbólico), a criança, nesse espaço acaba ocupando um lugar de objeto que seria o falo, o desejo da mãe, o mesmo passa a acreditar que é o único objeto do desejo da mãe, no entanto, não o é, pois além de está acontecendo também uma

relação no campo simbólico que apresenta uma pressuposição do falo, e a criança vai se enquadrando na ideia de ser ou não ser o falo, apesar que nessa fase não há a intervenção paterna ainda (Nasio, 2007).

O autor ainda esclarece que na segunda fase, entra a figura paterna com o intuito de que a criança entenda que é a figura do mesmo para quem a mãe se direciona e então o pai ficaria entre eles e o falo. Essa situação para a criança se apresenta enquanto uma frustração dando a entrada assim para a castração. E é por meio da interferência, da entrada da função paterna que a criança é inserida no campo simbólico. O terceiro momento é compreendido como o declínio do complexo de Édipo, pois a criança passa a deixar de querer ser o falo para ter o falo, esse processo é percebido como um desejo da criança de se identificar com o pai. Todo o processo faz com que a lei paterna passe do campo imaginário para o campo simbólico, havendo uma alteração no objeto fálico, essa travessia do ser a ter é introduzida a metáfora paterna (Nasio, 2007).

Nessa mesma linha de raciocínio, podemos mencionar a função do Outro, que nos estudos de Lacan o outro é entendido, no registro do inconsciente, e é através deste que o sujeito, no campo do Outro, é introduzido em sua própria condição de ser falante. Nessa perspectiva, o Outro assume um lugar no campo simbólico constituído no sujeito, é uma função adequada e inserida inicialmente por aquele que acaba cuidando de um bebê, podemos ressaltar em sua maioria, a mãe, nessa situação a função materna ocupa um lugar do Outro, que na prática acontece quando a mesma acaba dando significados às necessidades de um bebê, o que por sua vez, passa a ser introduzido no campo da linguagem (Quinet, 2012).

É através da introdução da criança, ainda na fase infantil, no campo simbólico que fará a mesma um ser de linguagem, esse processo é compreendido enquanto uma etapa que antecede até mesmo antes do nascimento como também o constitui enquanto sujeito falante. Deste modo, a partir do momento em que uma mãe passa a desejar o seu filho, quando se cria fantasias e expectativas a respeito disso, antes do seu nascimento, o sujeito já é inserido no jogo da linguagem. E logo após o seu nascimento, acontece também todo um jogo de significados e significantes que cumpre um papel de representação desse bebê, nesse sentido, é importante que a criança seja alienada para que entre no processo de constituição do sujeito (Quinet, 2012; Pena; Silva, 2018).

Para pensar o processo de constituição do sujeito, Lacan (1953/2005, introduz a noção de transitivismo, onde é entendida como um fator central que permite a organização psíquica na fase do estágio do espelho. De acordo com Bergès e Balbo (1997/ 2002), o transitivismo está relacionado a contextos e tempos específicos que lança o sujeito a experimentar posições e suposições pontuais, atravessado por uma lógica de funcionamento e não de estabelecimento de papéis fixos. Este está implicado na possibilidade de viabilizar o sujeito a uma nova inscrição a nível psíquico que até então não existia, no qual é consequência do estabelecimento de uma relação de alteridade que faz testemunha e deixa marca no infante.

Portanto, Bergès e Balbo (1997/2002, p. 28), o transitivismo possibilita ao sujeito a instalação de um novo sujeito “ao outro, esse semelhante graças ao qual os retornos concernentes ao objeto e as inversões concernentes às metas, e portanto ao sujeito, são possíveis. Mas exatamente, nada de novo sujeito pulsional sem transitivismo antecipador”. É neste sentido, que a figura materna atua, sendo esta sua função, ela realiza o corte na criança, o que permite liberar o infante do objeto alucinatorio do próprio desejo, bem como da dualidade da negação. Tal transitivismo é importante por permitir que a criança consiga reagir e investir em objetos reais.

3.2 A FANTASIA NA INFÂNCIA

Durante a fase da infância, somos atravessados por inúmeros momentos em que a criança tem o contato com histórias de contos de fadas, no qual estes funcionam para serem ferramentas direcionadas às descobertas dos sentimentos e emoções das mesmas. Portanto, os contos de fadas têm a capacidade de nos fazermos envolver no desenrolar de sua história, nos implicando imaginar e emocionar com a forma em que seus personagens vão ganhando força e espaço nos cenários de contos infantis. Além disso, essa situação pode influenciar no psiquismo da criança, pois, as histórias têm conotações que perpassam a experiência cotidiana, abrindo espaço para identificações diante das dificuldades e felicidades em que os personagens se encontram, tendo em vista, que as narrações demonstram, em síntese, os seres humanos em um contexto frente às provações da vida (Ressurreição, 2005; Corso; Corso; 2006).

Nessa perspectiva, a fantasia se enquadra como um fator de potencial no desenvolvimento infantil, pois diante das histórias contadas, as crianças passam a se identificar com os problemas ou vivências dos personagens. Quando as crianças são

lançadas a imaginarem algum conto de fadas, as mesmas dão voz às suas respectivas emoções, devido a fantasia auxiliar no entendimento das crianças, pois, dessa maneira é mais próximo de como eles percebem o mundo ao seu redor, compreendendo que na fase infantil é inconcebível uma compreensão acerca da realidade, não podendo deixar de destacar que elas dão sentido e vida a tudo isso (Ressurreição, 2005).

De acordo com Corso e Corso (2011), estes passam a comentar diversos contos de fadas, por assim dizer, dentre elas, a história do Peter Pan, que segundo os autores é o que mais consegue definir a ideia da fantasia, devido demonstrar a recusa e um desejo infantil por parte do personagem em não aceitar a realidade (crescer enquanto adulto e assumir responsabilidades) e se inclinar constantemente ao mundo da fantasia como forma de se satisfazer. Em resumo se trata de uma história de quatro irmãos chamados Wendy, Miguel, João e Darling que acabam acompanhando o menino Peter Pan para a Terra do Nunca, lá eles encontram seres mágicos como as sereias, índios, animais diferentes, assim como também encontram o pirata Capitão Gancho que desempenha um papel de vilão. Por conseguinte, elucidam que, quando se está apoiado a um conto de fadas a um “era uma vez”, compreendemos que se trata do início de uma história em um viés imaginário, tal qual um sonho, onde conseguimos ficar relaxados, em decorrência de sabermos que há uma barreira que nos separa da realidade e da fantasia.

Matte e Facchin (2019), explicam que a fantasia é atravessada na vida psíquica do sujeito desde o seu nascimento, expressa enquanto uma necessidade com o intuito de ter poder sobre a angústia e alavancar os seus desejos. A fantasia igualmente possui na vida do infante outro lugar, um lugar que permite a verbalização, a externalização e a projeção dos medos, porque ela e a realidade cruzam os mesmos caminhos. Nisto, a realidade em que é mencionada desempenha a realidade psíquica, se configurando enquanto uma realidade tão significativa quanto qualquer outra, no qual se tem uma fantasia que desempenha a verdade do sujeito.

Quando somos despertados por um sonho, especialmente, um sonho que nos foi afetivo em algum sentido, somos atravessados por um misto de sensações e lembranças que interferem na nossa vida, mesmo que compreendamos que os conteúdos e o que aconteceu no sonho não é verídico. Dessa forma, ao refletirmos sobre como esse conteúdo nos impactou, percebemos, no âmago, que há algo a ser expresso por meio dele. Há uma verdade oculta, talvez não plenamente consciente,

mas que consegue tocar algo dentro de nós por meio dos sonhos. Há algo nele que desperta uma sensação ou emoção profunda em nosso interior. Se cabe ressaltar que os conteúdos que nos vem enquanto estamos dormindo é parte de um pensamento, uma ideia que fora recalcada anteriormente, o que nos levou ao esquecimento de tal existência, reaparecendo de forma inconsciente, todavia que de uma forma ou de outra acaba chegando até o sujeito, na tentativa de se tornar consciente (Corso; Corso, 2011).

Nesse sentido, assim como na história do Peter Pan que as crianças chegam na Terra do Nunca, no qual sentem já ter conhecido tal lugar, isso pode ou é experimentado em relação aos sonhos, em especial, os conteúdos trazidos pelo mesmo que nos dar um estranhamento, que ao mesmo tempo, é muito familiar, isto é, por um lado que se apresenta enquanto familiar e confortável e, por outro, se revela enquanto algo oculto, distante de nossa vista, o que nos remete a uma sensação de tristeza, pois se associa a tudo que deve permanecer em um lugar escondido, no entanto, alguma coisa traz isso para fora.

Introduzem Laplanche e Pontalis (2001, p. 169), que a fantasia representa um:

Roteiro imaginário em que o sujeito está presente, e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a psicanálise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; fantasias originárias.

A partir de Freud, em seu artigo *Escritores criativos e devaneios* (1908[1907]/1996), podemos visualizar que os primórdios da ação de fantasiar já se evidencia no período da infância. Se a criança faz uso da brincadeira e do brincar para constituir um novo mundo à sua maneira, o escritor igualmente faz da mesma forma. A fantasia nesse sentido simboliza tanto para a criança quanto para o escritor, um modo de busca de satisfação e de reescrever/corriger a realidade considerada insatisfatória.

Em concordância a isso, podemos nos referir a fantasia como uma experiência semelhante ao sonho, já que ambos emergem e estão sempre acompanhados do sujeito e que acabam desenvolvendo uma relação de familiaridade e, ao mesmo tempo, de estranheza. Nesse sentido, tanto o sonho quanto a fantasia podem ocupar um lugar em que tudo pode acontecer, no entanto, não acontece de verdade, mas

acontece no campo do desejo. Dessa forma, diversas são as maneiras em que as aventuras e os desejos acabam se tornando uma experiência tão vívida e marcante se constituindo em um lugar conhecido como a fantasia (Corso; Corso, 2011).

A fantasia segundo Nasio (2007), nos faz lembrar uma cena teatral no próprio psiquismo do sujeito na tentativa de satisfazer um desejo prepotente que não há possibilidade de se satisfazer na realidade. A fantasia, por sua vez, tem desenvolvido um lugar de causa de desejo, é um estimulador que desempenha também a sua intensidade, o autor ainda sugere uma elucidação através dos relacionamentos amorosos, que quando o sujeito pretende atingir o clímax da relação sexual, o orgasmo, tendem a resgatar em sua cabeça todo um cenário íntimo que compreendemos ser sua fantasia a nível consciente.

Deste modo, quando falamos em fantasia também estamos falando em desejo, em meio a isso temos o eu que pode desenvolver mecanismos de defesa de dois modos, sendo o primeiro através do processo do recalque que seria uma tentativa de esquecer algo que o sujeito não consegue lidar, nesse caso seria recalcar o desejo o que na verdade não se é possível de fato ou criando uma fantasia na tentativa de satisfação. Nesse sentido, cabe ressaltar que independente da escolha que o sujeito faça, a resolução sempre permanecerá a mesma será constituído entre um eu receoso como também um desejo que em todas as hipóteses permanecerá insatisfeito (Nasio, 2007).

3.3 A RELAÇÃO DO AMIGO IMAGINÁRIO

Na psicanálise, o infantil assim como todo o seu desenvolvimento, tem relação com os acontecimentos ocorridos durante a infância, esse momento é importante para constituição da subjetividade. Sendo assim, se compreende que as experiências infantis são fundamentais para a construção do psiquismo, pois é a partir do mesmo que se pode estabelecer o desamparo infantil e também a procura de satisfação como componentes relevantes no processo de construção da subjetividade. Deste modo, pensando na noção da infância podemos nos debruçarmos em um comportamento que se é visto frequentemente na fase da infância, o amigo imaginário (Zavaroni; Viana; Celes, 2007).

A brincadeira de faz de conta tem se apresentado como um fator importante para o desenvolvimento do ser humano, especialmente, na fase da infância. Esse comportamento passa a surgir logo nos primeiros anos de vida de uma criança e ela

é realizada tanto apenas na companhia da criança quanto com outras ou adultos que tenham ligações afetivas com o mesmo. Dessa forma de acordo com Velludo e Souza (2015), às crianças com idades anteriores a fase escolar são mais perceptíveis de as verem vinculadas as brincadeiras simbólicas, no entanto, a partir do aparecimento dos jogos, das regras, as crianças tendem a diminuir a intensidade dos processos do brincar com o faz de conta.

Em concordância a isso, com o passar da primeira fase da infância as crianças o processo do faz de conta vai se tornando gradativamente em um comportamento mais particular do sujeito, ao passo que vão se lançando cada vez mais em fantasias, especialmente quando estão com poucas companhias como também sozinhas. Sendo assim, a brincadeira é uma forma em que o sujeito consegue encontrar significados em meio ao mundo externo, podendo experienciar diversas situações, e se entende que o faz de conta proporciona a criança a ir além de um momento recreativo ou divertido, mas é um processo que passa a desenvolver habilidades fundamentais para a vida do ser humano pois dentre outras habilidades, a mesma passa a desenvolver o uso da linguagem e também da interação social (Velludo; Sousa, 2015).

Em um estudo realizado por Velludo e Souza (2016), com 40 crianças sobre amigos imaginários (AI) e sua função na vida da mesma, além das motivações para a sua criação, se notou (ver tabela 1 abaixo).

Tabela 1. Características dos amigos imaginários, incluindo a origem, tipos, gênero e fontes de inspiração para a criação do AI

Estatística	Número de Participantes	Percentual
Total de crianças na amostra inicial (40 participantes)	40	100%
Participantes com amigos imaginários	18	45%
Crianças que criaram companhias imaginárias na idade escolar	13	72,2%
Participantes que tiveram amigos imaginários desde a pré-escola	3	16,3%

Crianças que deixaram de ter companhias imaginárias após os anos pré-escolares	2	15,4%
Participantes com apenas um amigo imaginário	12	66,6%
Crianças que possuíam três ou mais amigos imaginários	3	16,6%
Participantes cujas criações de amigos imaginários nunca se repetiam	3	16,6%
Participantes com amigos imaginários invisíveis	16	88,9%
Crianças que tinham amigos projetados em brinquedos	2	11,1%
Amigos imaginários caracterizados como humanos	13	72,2%
Amigos imaginários baseados em figuras de ficção	4	22,2%
Outros tipos de amigos imaginários (exemplo: animais)	1	5,5%
Crianças com amigos imaginários do mesmo gênero que seus criadores	17	94,4%
Participante cujo amigo imaginário tinha um gênero diferente do seu (exceção)	1	5,6%
Crianças que inventaram totalmente seus amigos imaginários	12	66,6%
Crianças que basearam seus amigos imaginários em pessoas reais	2	11,1%
Crianças que se inspiraram em desenhos ou gibis	3	16,7%
Participantes cujos amigos imaginários foram inspirados por artistas ou figuras públicas	1	5,6%

Fonte: Velludo e Souza (2016)

Os relatos fornecidos pelos participantes oferecem uma visão abrangente das funções desempenhadas pelos amigos imaginários no contexto das crianças. A análise desses relatos, especialmente quando confrontados com as perspectivas dos responsáveis entrevistados, proporcionou uma compreensão mais profunda do papel desempenhado pela fantasia na vida desses sujeitos. Em todos os relatos analisados, os amigos imaginários emergem como uma fonte de companhia e recreação, atuando como uma resposta à solidão ou como uma alternativa para compartilhar atividades cotidianas, como assistir televisão, interagir em conversas ou o ato de brincar propriamente dito. Embora a maioria das descrições enfatize os benefícios dessas criações imaginárias, sete crianças apresentaram narrativas que destacam atributos negativos, tais como queixas, uso de linguagem inadequada, comportamento agressivo em relação a outros amigos imaginários, desonestidade em contextos lúdicos, causar danos intencionais a objetos, manifestar atitudes maliciosas e exibir irritação (Velludo; Souza, 2016).

Os dados acima, expõem que cerca de 45% das crianças na amostra inicial apresentaram amigos imaginários, o que sugere uma presença significativa desse fenômeno na infância. Destes, a grande maioria, aproximadamente 88,9%, descreveu seus amigos como invisíveis, possivelmente indicando uma natureza mais fantasiosa ou abstrata dessas interações imaginárias. É notável que grande parte dos amigos imaginários compartilhava o mesmo gênero que seus criadores (94,4%). Esse alinhamento pode elucidar uma tendência natural das crianças em constituir amigos imaginários que se assemelham a elas mesmas, talvez para buscar identificação ou compreensão mais fácil dessa relação (Velludo; Souza, 2016).

Por conseguinte, se vê que 66,6% das crianças inventaram completamente seus amigos imaginários, sem se embasar em pessoas reais ou figuras abstratas. Esse dado sugere maior expressão da imaginação, possibilitando a criação de personagens novos e originais para interações imaginárias. Quanto às características desses amigos, observa-se que a maioria foi caracterizada como humanos (72,2%), enquanto uma parcela significativa teve inspiração em desenhos, gibis, artistas ou figuras públicas (respectivamente, 16,7%, 5,6%). Isso ressalta a influência diversificada que pode ter moldado a criação desses amigos imaginários. Essas informações retratam a variedade de formas encontradas pelas crianças para manifestarem e interagirem com os amigos imaginários, o que ressalta a capacidade

imaginativa na infância e a diversidade no que diz respeito às vivências de cada sujeito com esse fenômeno (Velludo; Souza, 2016).

Considerando isso, se percebe que, o amigo imaginário é uma manifestação fantasiosa comum, que se manifesta na infância, que pode envolver personagens, sejam eles, pessoas e animais, criaturas criadas através do inconsciente, ou também, como acrescenta Corso e Corso (p.197, 2006) quando “[...] a criança e seu brinquedo têm uma relação de Amigos”. No entanto, para o brinquedo ser considerado um amigo imaginário, é necessário que seja tratado como tal, além de possuir atributos, sejam atribuídas qualidades humanas. O amigo imaginário pode, também, ser representado através de um brinquedo, desde que a criança interaja constantemente com o mesmo. Segundo Singer e Singer (1990), para que o brinquedo seja considerado um amigo imaginário, é necessário que ele seja tratado como tal, além de possuir atributos/qualidades humanas.

Dessa forma, o amigo imaginário põe-se como uma forma da criança se referir a coisas suas como se fossem totalmente externas, e que através dele podem ser vistas situações e sentimentos como se estivessem de fora. Ao passo em que é fantasia, que beira um delírio, é culturalmente aceitável, passageiro e provavelmente útil (Corso; Corso; 2006). Nessa perspectiva, o amigo imaginário, ou melhor, as brincadeiras simbólicas conseguem proporcionar, através da imaginação, ocupar papéis de diferentes formas e vivenciar o mundo externo de uma maneira dramática e ativa, pois as crianças trabalham os processos emocionais, às fazendo entenderem sobre o mundo no qual estão inseridas, pois conseguem dessa forma visualizar as consequências dos seus comportamentos também e em algum nível compreenderem sobre as regras, principalmente no que diz respeito às condutas (Velludo; Souza, 2015).

Taylor (1999), ressalta que as criações são invocadas ao longo dos dias, meses e podem durar anos, com tamanha regularidade, e que podem se tornar uma espécie de companhia às crianças. Cabe dizer que quando tratamos aqui de companhia imaginária, a criança pode recorrer a duas formas distintas: 1) um brinquedo; 2) o invisível. Enquanto o primeiro é um projeto de apoio da criança, cujo é palpável, o segundo, por sua vez, não é físico e nem tangível, estando sob total criação da imaginação.

Nesse intento, Pearson et al. (2001), referenciando Svendsen (1934), o amigo imaginário tradicionalmente definido como um personagem invisível que tem nome, é

mencionado em conversações com outras pessoas e com o qual a criança mantém interação por, pelo menos, alguns meses. Para ser considerado um amigo imaginário, a criação deve ter um senso de realidade para a criança, mas não ter base objetiva. No entanto, mesmo que se torne tão real quanto uma percepção sensorial visual ou auditiva, seu criador sempre reconhece sua irrealidade.

A partir disso, os primeiros teóricos concluíram que, devido à associação emocional e social, a manifestação da criação não era saudável. Entretanto, havia ainda pouco estudo a respeito do tema e, posteriormente, com pesquisas, entrevistas e aplicação de amostras não-variáveis, foi possível perceber que este é um fenômeno comum entre as crianças, como também é um ponto positivo para o seu desenvolvimento, como apresentado por Taylor (1999). Velludo e Souza (2015), direciona a pesquisa no que diz respeito às distinções existentes acerca do Amigo Imaginário, e que esse deve ser analisado com cautela, para que não haja complicações para a criança, uma vez que pode ser confundido com a psicose, quando essa é manifestada ainda na infância.

Convém ainda ressaltar os estudos de Taylor e Mottweiler (2008), sobre o amigo imaginário, ao assinalarem que quando uma criança cria uma personalidade para um brinquedo ou inventa um amigo invisível (imaginário) para servir como amigo especial, a mesma está a suprir alguma necessidade humana básica. Outrossim, destaca que a riqueza da fantasia da criança que brinca é uma prova de que a saúde mental, mesmo que apresente pequenos sintomas que a angustiam os pais, como no caso do amigo imaginário, “[...] é essencial porque nele o paciente manifesta sua criatividade” (Winnicott, 1975, p. 80). Pois, apenas é possível brincar quando a criança tem a capacidade de simbolizar.

Sendo assim, as brincadeiras na infância ocupam um maior destaque na vida das crianças, pois é por meio deste que elas conseguem criar o seu próprio mundo, modificando à sua maneira as informações advindas do mundo externo de modo que se sintam confortáveis. É importante ressaltar que as crianças visualizam esse mundo que criam de forma séria, nos fazendo compreender que o ato de brincar juntamente com toda a fantasia em volta é o mais puro real dela (Matte; Facchin, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas, se destaca que a constituição do sujeito na psicanálise, evidencia a importância do processo natural dentro dos laços sociais. A noção do sujeito do inconsciente, enraizado na linguagem e inserido na cultura desde antes do nascimento, é ressaltada, onde a escolha do nome da criança pela família ilustra essa introdução precoce ao campo da linguagem.

O estágio do espelho é mencionado como essencial na formação do eu, onde a criança, ao visualizar sua imagem total no espelho, inicia uma relação imaginária com sua própria imagem corporal. Esse momento inicial de reconhecimento da imagem refletida cria uma sensação de unidade alienada, lançando as bases para a estruturação do sujeito.

A função do Outro, como entendida por Lacan, é destacada como aquela que introduz o sujeito no campo do inconsciente e da linguagem, sendo exercida primariamente pela figura materna. Esse processo de introdução da criança no campo simbólico a torna um ser de linguagem. Esse olhar amplo sobre a formação do sujeito na psicanálise aborda desde a inserção precoce na linguagem até a complexa relação com a figura materna e paterna, delineando os estágios iniciais do desenvolvimento do sujeito.

Os paralelos entre fantasia e sonho destacam a familiaridade e estranheza que ambos compartilham com o sujeito. Ambos surgem como experiências que ocorrem no campo do desejo, onde tudo é possível, mas não se concretiza na realidade. A vividez das aventuras e desejos torna a fantasia um espaço conhecido e marcante, embora não se concretize no plano da realidade propriamente dita. Ela é vista como uma fonte de desejo, onde a sua relação entre fantasia e desejo é destacada, demonstrando como o eu pode desenvolver mecanismos de defesa, como o recalque para esquecer desejos impossíveis de lidar. Em vez disso, a fantasia é criada como uma tentativa de satisfação, embora fique sempre insatisfeita, devido ao desejo de não encontrar realização.

Vemos que a fantasia na infância está intrinsecamente ligada ao fenômeno do amigo imaginário, revelando-se como uma expressão vital da criatividade e desenvolvimento emocional das crianças. A criação de um amigo imaginário é uma manifestação da rica imaginação infantil. Por meio dessa fantasia, as crianças constroem um mundo próprio, adaptando-o conforme suas necessidades e entendimento do ambiente ao seu redor.

Os amigos imaginários permitem às crianças experimentar diferentes papéis, vivenciar situações e explorar o mundo de forma ativa e dramática. Essas brincadeiras simbólicas ajudam a compreender o funcionamento das relações sociais e a lidar com emoções complexas. Muitas vezes estes servem como companheiros constantes, oferecendo apoio emocional à criança.

Logo, os estudos apontaram que a expressão criativa, mesmo por meio de amigos imaginários, é essencial para o desenvolvimento saudável das crianças. É uma oportunidade para expressar criatividade e compreender o mundo ao seu redor. A sua criação pode estar associada à supressão de necessidades básicas, fornecendo à criança um apoio emocional e um meio de expressão, preenchendo lacunas sociais ou emocionais.

REFERÊNCIAS

BERGÈS, J.; BALBO, G. **Jogo de posição da mãe e da criança**: ensaio sobre o transitivismo. Porto Alegre: CMC, 2002. (publicado originalmente em 1997)

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: Psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **A psicanálise na Terra do Nunca**: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, S. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 131-143. (Obra original publicada em 1908[1907])

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002

KLEIN, B. R. A child's imaginary companion: a transitional self. **Human Sciences Press**, v. 13, n. 3, p. 272-282, 1985. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF00754652/>>. Acesso em: 25/09/2023.

KRENKE, I. S. Amigos imaginários. **Mente Cérebro**, v. 205, 2010. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/amigos_imaginarios.html>. Acesso em: 01/10/2023.

LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real. In: LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Trad: T. André, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.11-53. (publicado originalmente em 1953).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MATTE, F. M. FACCHIN, F. “Era uma vez...”: a importância da fantasia para o desenvolvimento psíquico. **Analytica**, São João del-Rei, v. 8, n. 14, p. 1-10, janeiro/junho de 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29/09/2023.

MARION, J. *et al.* O Amigo Imaginário Na Visão De Psicólogos E Psiquiatras Infantis. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 812-833, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02/10/2023.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NASIO, J. D. **A fantasia**: O prazer de ler Lacan. Tradução: André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NASIO, J. D. **Édipo**: complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PEARSON, D. *et al.* Prevalence of imaginary companions in a normal child population. **Child: Care, Health and Development**, v. 27, n. 1, p.13-22, 2001. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11136338/>>. Acesso em: 25/09/2023.

PENA, B. F. SILVA, R. D. C. O Outro no ensino lacaniano: algumas considerações. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte-MG. n. 49, p. 81–90, julho/2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100007>. Acesso em: 15/11/2023.

RESSURREIÇÃO, J. B. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da Imaginação. **Revista Facos**, Faculdade Cenecista de Osório-FACOS/RS, p. 19-34, 2005. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro_2010/pdf/a_importancia_a_dos_contos_de_fadas_no_desenvolvimento_da_imaginacao.pdf>. Acesso em: 28/09/2023.

SINGER, D. G.; SINGER, J. L. Imaginary playmates and imaginary worlds. In SINGER, D. G.; SINGER J. L. **The house of make-believe**: children’s play and the developing imagination. Cambridge: Harvard University Press, 1990. P. 89-116.

TAYLOR, M. **Imaginary companions and the children who create them**. Melbourne: Oxford University Press. 1999. Disponível em: <<https://global.oup.com/academic/product/imaginary-companions-and-the-children-who-create-them-9780195146295?cc=us&lang=en&>>. Acesso em: 13/09/2023.

TAYLOR, M.; MOTTWEILER, C. M. Imaginary companions: Pretending they are

real but knowing they are not. **American Journal of Play**, v. 1, p. 47-54. 2008. Disponível em: <https://cpbuse1.wpmucdn.com/blogs.uoregon.edu/dist/7/8783/files/2014/07/TaylorMottweiler_2008-27shik6.pdf>. Acesso em: 13/09/2023.

VELLUDO, N. B.; SOUZA, D. H. A criação de amigos imaginários: uma revisão de literatura. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 25-37, jan.-mar, 2015. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/16406/12944>>. Acesso em: 25/09/2023.

VELLUDO, N. B.; SOUZA, D. H. “Ele Me Deixava Especial”: Amigos Imaginários, Suas Funções E Atitudes Parentais. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 1, jan-mar, p. 115-126, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2871/287146384013.pdf>>. Acesso em: 10/11/2023.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZAVARONI, D. M. L.; VIANA, T. C.; CELES, L. A. M. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estudos De Psicologia**, Natal, v. 12, n.1, p. 65–70, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100008>>. Acesso em: 25/09/2023.